

O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL MEDIANTE O *BULLYING*.

¹Neri Garcia dos Santos Silva

¹Pedagogo, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Especialista em Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar, pela Faculdade Santa Fé.

RESUMO

Apresenta-se o resultado de uma pesquisa realizada em escola pública, localizada na cidade de São Luís, Maranhão, buscando-se identificar possíveis alternativas para a problemática da violência, especificamente o “*Bullying*”. Procura elaborar diagnóstico sobre a realidade da escola, levando-se em consideração as características internas e do seu entorno. Por meio do levantamento teórico sobre o assunto, pretende-se identificá-lo como “fenômeno social”.

Questiona-se a atuação do orientador educacional e qual seu papel para tratar do assunto. O instrumento utilizado para a pesquisa é o questionário com perguntas abertas e fechadas, com o objetivo de análise mais profunda sobre as características socioeconômicas e financeiras dos alunos da escola. Pretende-se que o trabalho sirva de subsídio para quaisquer tipo de violência e/ou discriminação no ambiente escolar.

Palavras chave: *Bullying*, Escola, Orientador Educacional, Violência.

ABSTRACT

THE ROLE OF THE SUPERVISOR OF EDUCATION BY BULLYING

It presents the results of a survey of public school located in São Luis, Maranhão, seeking to identify possible alternatives to the problem of violence, specifically the "bullying". Search elaborate diagnosis of the reality of the school, taking into account the internal characteristics and its surroundings. Through theoretical survey on the subject, we intend to identify it as a "social phenomenon". It questions the

role of counselor and what their role to address the issue. The instrument used for research is the questionnaire with open and closed, with the objective of further analysis on the socio-economic and financial of the school. It is intended that the work serves as input to any type of violence and / or discrimination in the school environment.

INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente em que crianças e adolescentes podem ser inseridos em suas funções sociais, políticas e pedagógicas, tornando-se cidadãos cultos e educados (SAWAYA, 2002; TORO, 2010) e detentores de todos os direitos pessoais e coletivos estabelecidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 2005), pela Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1988). Contudo, os atos de violência nas escolas que presenciamos hoje, e suas repercussões no cotidiano de estudantes, professores e familiares põem em risco o respeito a esses direitos. Por meio de atos de violência pessoas impedem ou são impedidas de gozar livremente dos seus direitos, desde os mais básicos, como o bem estar físico, até os mais sublimes, como o acesso à cultura, por exemplo, (ORTEGA, 2003, FREIRE, 2006).

De acordo com esta realidade, procurou-se desenvolver este trabalho com o intuito de sugerir ação significativa do orientador educacional enquanto transformador da realidade vigente que assola muitas escolas. A escola onde se desenvolveu a pesquisa é municipal, Unidade de Educação Básica

Ana Lúcia Chaves Fecury, que fica localizada na Rua Epitácio Cafeteira, S/N - Vila Brasil, São Luis – MA.

Este trabalho tem como objetivos diminuir o grau de agressividade no relacionamento entre os alunos com uma ação efetiva do Orientador Educacional no ambiente escolar e diagnosticar a existência (ou não) do fenômeno *Bullying* na instituição, buscando, na medida do possível entender o perfil dos agressores, vítimas e testemunhas.

Nesse sentido, este artigo pretende identificar as estratégias de combate às diversas manifestações de violência quanto à realidade encontrada na escola-campo visitada, contato iminente com tipos e manifestações de violência, especialmente dentro da referida escola.

BULLYINGE SUAS IMPLICAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência é um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial que surge e se desenvolve na vida em sociedade, revelando as angústias do ser humano. De acordo com Minayo (1994), este fenômeno pode ser classificado de três formas: *violência estrutural*, a qual leva os indivíduos a aceitar ou infligir agressões (físicas,

emocionais, psicológicas) de acordo com o papel social definido pelas estruturas sociais organizadas (família, sistemas econômicos, culturais, etc.); *violência de resistência*, que se constitui na resposta dos diferentes grupos e indivíduos à violência estrutural, e *violência de delinquência*, que se revela nas ações que fogem às leis socialmente reconhecidas.

A violência é qualquer ação dirigida para provocar danos em algo ou alguém. Tendo em vista que atualmente o valor que as pessoas dão às relações humanas, está baseado na efemeridade, principal concepção da era pós-moderna, é possível identificar vários sujeitos e espaços de violência, entre estes o Estado, as instituições sociais e as pessoas, nos quais as seqüelas físicas, psicológicas e sociais, ou mesmo a morte nos casos mais extremos, tornam a violência um grave problema de saúde pública, que congestionam e aumentam os custos globais dos serviços de saúde. Nesse sentido, a violência pode ser encontrada nos conflitos entre grupos, nas brigas por motivos passionais, nos acidentes de trânsito e de trabalho, nas tentativas de suicídio e até mesmo no seio da família, atingindo principalmente as crianças, os adolescentes, as mulheres e os idosos (MINAYO, 1994; SILVA, 2010).

No que se refere à violência contra a criança e o adolescente, esta pode ser categorizada como violência física, negligência, violência psicológica e sexual (BRASIL, 1988). Conforme mencionado, a violência pode ocorrer entre pessoas ou instituições sociais, entre estas as escolas, gerando graves problemas para estudantes, professores e corpo administrativo dessas instituições.

É assegurado por lei, a alunos, professores e funcionários, o direito ao bem estar físico, psicológico e social no ambiente escolar. Contudo, as escolas apresentam-se, atualmente, como espaços onde ocorrem muitos tipos de violência, desde as que se expressam fisicamente até as mais sutis violências psicológicas. O medo de denunciar, a violência por parte das vítimas e dos observadores, e, muitas vezes, a insensibilidade ou o desconhecimento das conseqüências, que esses comportamentos podem, ter sobre a vida social e emocional de crianças e adolescentes, por parte do corpo docente e administrativo da escola, podem permitir e manter por longo tempo comportamentos indesejados para a vida em sociedade.

As escolas são os locais onde crianças e adolescentes podem desenvolver ao máximo os seus

potenciais intelectuais e sociais. Portanto, torna-se cada vez mais importante que órgãos de gestão dessas instituições disponham de instrumentos que permitam um diagnóstico das possíveis situações da violência dentro do ambiente escolar, de modo a não só conseguir dimensionar o problema, mas também saber que aspectos podem ser abordados primeiramente nas tentativas de resolução do mesmo (FREIRE, 2006).

Uma das manifestações de violência na escola, objeto de estudo deste trabalho, é conhecida internacionalmente pelo termo inglês *Bullying*, que significa, grosseiramente, “*valentia*”, “*intimidação*”, em português. Por definição:

Bullying é o ato de praticar ou se envolver em violência, seja ela física ou psicológica, de comportamento agressivo, intencional e negativo com execução repetida da ação, envolvendo crianças e adolescentes que apresentam relacionamento com desequilíbrio de poder. (ALMEIDA, 2008)

O *Bullying* caracteriza-se por sua persistência no tempo, pela intencionalidade do comportamento agressivo e pela desigualdade de poder entre agressor (ou grupo de agressores) e vítima(s) (FREIRE, 2006; ALMEIDA, 2008). Contudo, além da violência

perpetrada contra outros estudantes, o *Bullying* também inclui agressões contra professores e funcionários, assim como atos de vandalismo contra a escola, com danos ao patrimônio e aos bens das pessoas (TORO, 2010). “*Bullying*, como já bastante definido em meios acadêmicos, diz respeito às formas de intimidação, de humilhação e menosprezo” (TOGNETTA, 2010; VINHA, 2010).

A violência ocorre quando alguém causa ou tenta causar danos, mal estar, dor ou angústia a uma pessoa. Esta violência pode ser direta, que se ramifica em agressões físicas (espancamentos, roubos ou danificação dos pertences) e verbais (ameaças ou apelidos), ou indireta (espalhar rumores pejorativos, exclusão social e indiferença) (LOPES-NETO, 2005; FREIRE, 2006; TORO et al., 2010).

Segundo a Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA, 2006), algumas ações que são típicas do comportamento de *Bullying* são:

Colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences.

Igualmente, alguns autores também incluem as agressões psicológicas e sexuais como *Bullying* (ALMEIDA, 2008; SILVA, 2010), bem como a violência realizada por meios tecnológicos, fenômeno conhecido por *cyberbullying* (SILVA, 2010).

Pesquisas sobre incidência de *Bullying* na escola, realizadas em vários países, incluindo o Brasil, estimam que pelo menos 40% dos estudantes entre vítimas e agressores, estão envolvidos nesse tipo de comportamento, com maiores incidências na faixa etária compreendida entre os 11 e 14 anos (SUDERMAN, 2000; CARVALHOSA, 2001) e com diferenças entre os gêneros, sendo o *Bullying* direto mais comum entre os estudantes do sexo masculino, enquanto o *Bullying* indireto seria mais frequente entre os estudantes do sexo feminino (LOPES-NETO, 2005).

Entre os efeitos do *Bullying* para as vítimas estão maiores tendências à insegurança, depressão, suicídios, dores de cabeça e de abdômen, insônia, tristeza, enurese, anorexia e bulimia. As vítimas de *Bullying* também podem apresentar ansiedade, timidez, fobia social, transtorno de pânico, baixo desempenho escolar, maiores dificuldades em estabilizar o seu lado emocional, baixa autoestima e maior

dificuldade em fazer amigos. Além disso, podem considerar a escola um local desagradável e pertencer a famílias muito protetoras. Geralmente são estudantes de menor status, pertencentes a minorias étnicas e com menor altura (CARVALHOSA, 2001; LOPES-NETO, 2005; FREIRE et al., 2006)

Entre os agressores, alguns fatores favorecem a ação de *Bullying* contra outros estudantes, entre os quais se encontram distúrbios de personalidade, transtornos de relacionamento, influência de amigos e familiares, bem como fatores políticos, econômicos e sociais (LOPES-NETO, 2005; ALMEIDA, 2008; SILVA et al., 2010). Os agressores geralmente são mais altos, fortes e impulsivos que os demais e necessitam ter o poder e o controle sobre os outros, o que pode levá-lo a ser acompanhado por pequenos grupos (GONÇALVES, 2003).

As famílias dos agressores tendem a apresentar maiores distâncias emocionais entre os membros e maiores tendências de comportamento agressivo dos pais para com os filhos (tais como criticar em vez de encorajar), bem como métodos de disciplina muito punitivos e rígidos, o que leva os agressores, em longo prazo, a maiores índices de criminalidade e maiores taxas de uso de

substâncias aditivas, dificuldades em fazer amigos e atitudes positivas para com a violência e a delinquência (CARVALHOSA, 2001; FREIRE, 2006; ALMEIDA et al., 2008). Conseqüentemente, o fenômeno de *Bullying* torna-se progressivamente um problema de saúde pública que gera graves problemas sociais, os quais muitas vezes são ignorados pelos órgãos competentes.

A família é considerada uma das maiores influências para o desenvolvimento de comportamentos e habilidades na infância. Famílias desajustadas podem gerar crianças e adolescentes com vários problemas de ordem psicológica ou social, especialmente se em tais famílias é comum a incidência de violência doméstica. Nessas situações, cabe aos professores educar adequadamente estudantes que apresentem comportamentos violentos na escola que possam ter por influência a violência doméstica vivenciada em suas residências (ALMEIDA, 2008). Uma forma de educar esses alunos vítimas de violência doméstica é através do treino em habilidades sociais, entre as quais podem ser desenvolvidas: 1) expressividade emocional e autocontrole, 2) civilidade; 3) empatia; 4) assertividade; 5) capacidade de fazer

amizades; 6) resolução de problemas interpessoais, e 7) habilidades sociais acadêmicas (WILLIAMS, 2008; PEREIRA, 2008).

Como o fenômeno *Bullying*, é uma das principais formas de violência no ambiente escolar atualmente, ocorre sem restrição de gênero, faixa etária ou condição socioeconômica, compreender em que contextos específicos acontecem tais comportamento (ou onde ele teve origem), auxiliará gestores e docentes na elaboração de normas e estratégias que possam minimizar a ocorrência do mesmo.

A AÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL MEDIANTE O *BULLYING*

A orientação educacional tem recebido enfoques variados. Tradicionalmente o orientador educacional tem sido visto e tem-se visto como um profissional, cujo papel principal é atuar junto aos educandos. Dessa forma, é que a orientação tem uma exposição clara de um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno, na escola a tomar consciências de seus valores, incertezas e dificuldades, concretizando por meio do estudo, sua realização em todos seus aspectos e planos de vida. Deste modo, o mesmo

faz levantamentos de dados (sondagem de aptidões), realiza sessões de orientação e de aconselhamento e tem uma série de funções importantes na formação e atendimento do aluno.

No caso do *Bullying*, que é sinônimo de agressão moral, física, psicológica. Palavra não traduzida para a língua portuguesa, mas facilmente entendida por se tratar de um fenômeno crescente da sociedade brasileira: a violência. Existe só no Brasil? Não, as vítimas e seus algozes estão espalhados pelo mundo inteiro e em várias culturas. Envolve relação de poder e mando. E para que isso não ocorra em nossas escolas, deve-se contar com um importante segmento para ajudar na questão: a orientação educacional.

O enfoque da orientação educacional tem mudado no decorrer de sua história, no início com vistas à profissionalização, passando por várias abordagens e possibilidades diagnósticas com ações interventivas. Hoje, após várias reflexões, estamos caminhando para um conceito menos clínico-terapêutico e mais social. O orientador com uma visão mais ampla e sistêmica dos problemas sociais e da violência lança seu olhar sobre o todo como a família, a sala de aula e a sociedade. Age também no sentido de ajustar as suas práticas na prevenção,

distancia-se do imediatismo e dos problemas do dia-a-dia na escola.

No caso do *Bullying*, a orientação educacional atua em conjunto, em parceria com o pedagógico e famílias, sempre levando em consideração que sanções e limites não são suficientes, ou mesmo a identificação das causas do baixo rendimento escolar e encaminhamentos para áreas afins: a violência vai além de tudo isso, enfraquece, desestimula, entristece. O orientador deve desenvolver projetos que visem à mudança de paradigmas, trabalhar no sentido de formar, informar, valorizar os atos de respeito ao próximo, a elevação da auto-estima e do amor. É preciso fortalecer as relações e os vínculos de afeto na escola e família, mesmo que algumas delas não sejam a que idealizamos.

Segundo a orientadora educacional SILVA (2003): “A luta contra o *Bullying* é um grande desafio, e para isso precisa-se de esforços para possibilitar a diminuição ou até mesmo o fim desse mal que assola nossas escolas”.

O orientador educacional – profissional qualificado não somente em ajustar o aluno a regras e normas sociais – se vê envolvido na tarefa de promover o bem-estar, mas, isso deve ser feito

sem ingenuidades ou pretensões, o problema já está instalado, o real é muito mais comprometedor e abrangente, envolve sistema e política, educação versus capitalismo.

O atendimento individual ao educando é muito importante, e vem caracterizando a orientação educacional, fundamentando-se no pressuposto de que os educandos têm necessidades especiais e que os professores não estão preparados ou não têm condições para atendê-las.

Em vista dos problemas expostos, no caso *Bullying*, preconiza-se, que o orientador educacional assuma funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola, com as quais os educandos mantêm contatos significativos, no sentido de estes se tornarem mais preparados para entender e atender às necessidades do educando, principalmente no que tange aos aspectos de preconceito entre si.

Para isso é fundamental que o orientador educacional possua conhecimento teórico firmado a fim de identificar possíveis dificuldades, como o *Bullying*, por exemplo, alvo de discussão neste trabalho. Tal especialista precisa entender o seu papel para orientar os outros educadores da escola.

O teórico Freire (2006) salienta que o educador precisa ter “competências para solucionar uma série de situações”; para “saber fazer bem o dever”; para desenvolver um ensino de qualidade articulado entre as dimensões técnica, política, ética e estética.

O orientador educacional tem se deparado ultimamente com um dos temas que mais tem ganhado destaque no ambiente escolar: O *Bullying*. Imbuído pelos princípios já expostos, esse profissional com a preocupação de contribuir com a humanização em seu contexto de trabalho deve buscar alcançar esses objetivos que são fundamentais: conhecer e entender a manifestação de violência entre alunos a fim de auxiliar tanto os envolvidos como os familiares e o corpo docente a prevenir este tipo de agressão dentro da escola.

SOBRE A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

Com base nos esclarecimentos expostos, esta pesquisa de campo do tipo qualitativa teve como enfoque principal, ou linha norteadora, fazer uma investigação na escola da rede pública localizada no município de São Luís- MA, Unidade de Educação Básica

Ana Lúcia Chaves Fecury como amostragem do grau de conhecimento da equipe pedagógica. Os dados coletados referiram-se às seguintes questões: o que é *Bullying*, como ocorre na escola, os indivíduos envolvidos, causas mais comuns e suas consequências.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram a leitura bibliográfica específica e um questionário aplicado ao orientador educacional da escola investigada, composto por cinco (5) perguntas.

1. O que você entende por *Bullying*?

É qualquer tipo de violência moral, física ou psicológica que o aluno sofre. É muito comum entre alunos, mas infelizmente alguns professores também praticam contra seus alunos.

A resposta acima evidencia o conhecimento que o orientador educacional da escola investigada possui, pois enfoca a violência em todos os aspectos. Como já foi discutida a prática do *Bullying*, se concentra na combinação entre a intimidação e a humilhação das pessoas geralmente mais passivas, caracterizada não somente pela violência física, mas também psicológica cuja intenção é ferir profundamente o emocional do indivíduo.

2. Como você observa a presença de *Bullying* no ambiente escolar?

A violência é bem explícita entre os alunos, através do comportamento agressivo, da troca de xingamentos e até mesmo das agressões físicas.

O *Bullying* é um tipo de violência que pode ser identificado através do comportamento hostil dos alunos. Conforme a resposta dada, a presença do *Bullying* é evidenciada pelas atitudes dos indivíduos da escola desde as relações interpessoais conflituosas até a queda repentina no rendimento escolar, o que faz com que o orientador educacional juntamente com os professores fique alerta para essas e outras mudanças no comportamento dos alunos. Convém ressaltar ainda que todo tipo de violência que ocorre na escola entre docentes e discentes também é considerada *Bullying* e o professor deve saber lidar com essa situação por meio do diálogo mantendo sempre a harmonia e a passividade entre ambas as partes.

3. A sua escola já desenvolveu algum projeto ou outra atividade pedagógica enfatizando esse tema? Descreva-o.

Sim. Já desenvolvemos no primeiro semestre de 2011 o projeto

com esse enfoque cujo tema era: “Valores que educam”, que muito contribuiu para amenizar a violência entre os alunos com um resultado bastante positivo.

A escola mostra sua preocupação em interagir e cumprir a missão na construção da cidadania, buscando alternativas que visem à melhoria do ambiente escolar. No projeto foram utilizados diversos recursos como: pesquisas, palestras, filmes de motivação, dinâmicas interativas, jogos, contação de histórias, jograis, produções textuais e na culminância houve a apresentação dos trabalhos. Sendo assim, são inúmeras as ações interventivas que a escola pode desenvolver no sentido de promover o bem-estar e valorizar os atos de respeito ao próximo.

4. Que ações a escola deve promover no sentido de combater a violência no âmbito escolar?

Temos que partir do diálogo, projetos e palestras sobre o tema desenvolvendo um trabalho de esclarecimento e conscientização dos pais. Que mostrem não somente atitude positiva, mas retratem também as punições.

Conforme a resposta dada, podemos constatar que para combater comportamentos agressivos e anti-

sociais, é necessário principalmente um trabalho integrado entre a escola e a família, pois a educação é papel de todos. Não se pode pensar no envolvimento da família somente nos momentos de reuniões, mas integrá-lo no início, meio e fim do caminhar pedagógico. Sendo assim, a participação da família é imprescindível na formação do indivíduo.

5. Como orientador educacional, o que você propõe diante da violência na escola?

Temos que coibir firmemente, além dos esclarecimentos através de palestras, vídeos, projetos que promovam a mudança de paradigmas, no sentido de formar, informar, valorizar o outro, mostrarem exemplos de pessoas que sofreram violência e hoje são bem sucedidas na vida, envolvendo também todos os colaboradores da escola. Dessa forma, fortalecer as relações de afeto juntamente com as famílias para a elevação da auto-estima.

É de fundamental importância que o trabalho de combate à violência envolva projetos, palestras, dentre outras medidas socioeducativas com a participação efetiva da família, fortalecendo assim as relações e os vínculos de afeto na escola e na família, mesmo que algumas delas não sejam a

que idealizamos. É na família que se inicia a aprendizagem emocional e a aquisição de valores que são importantes para a compreensão e envolvimento do indivíduo no desempenho escolar. Porém, esse aprender não cabe somente à família, pois a escola, a religião e o meio social têm grande influência na educação.

A escola investigada afirma saber o que é *Bullying*. Isso evidencia o trabalho positivo do orientador educacional na escola em questão. Conforme já discutido neste trabalho, nem sempre o *Bullying* envolve agressão física. Ela pode acontecer, porém a sua característica fundamental é a insistência em machucar o emocional da vítima, deixando-a vulnerável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para prevenir e até mesmo solucionar o *Bullying* nas escolas identifica-se que é fundamental a preparação e capacitação dos professores para diagnosticar a forma de violência psicológica, sabendo diferenciá-la de brincadeiras típicas da idade. Sugerem-se como alternativas pedagógicas: parabenizar as atitudes positivas dos alunos elevando sua auto-estima; evitar punições e aumentar os

diálogos para diminuir a agressividade; desenvolver projetos de conscientização com os alunos e com a família; propor vigilância nos locais estratégicos como banheiros e corredores e prover apoio e proteção às vítimas de forma cautelosa, ou seja, não expor as mesmas a agressões por outras pessoas.

Todas essas ações podem ser propostas pelo orientador educacional aos educadores com os quais desenvolve seu trabalho pedagógico. O trabalho do bom orientador educacional deve ser o de melhorar o processo de ensino e aprendizagem, propor o engajamento dos professores em tudo aquilo a que se propõe estar presente, saber lidar com o ser humano, enxergar valores e aproveitá-los, saber ouvir o aluno.

Com certeza, uma escola mais humanizada torna-se um instrumento de mudança social.

A construção de um clima escolar, em que os estudantes sintam - se seguros para estabelecer e manter vínculos pessoais de modo a desenvolver as relações humanas, deve ser uma preocupação constante do corpo técnico da escola e exige a cooperação de professores, diretores, supervisores, orientadores e psicólogos para que este clima seguro seja alcançado.

No que concerne aos professores, especificamente, estes devem estar cientes de que o papel de educador vai muito além de transmitir conteúdos de uma disciplina. Conversar com os alunos sobre o seu cotidiano, relacionamentos familiares e amizades, entre outros assuntos, também faz parte do papel de um educador comprometido com a formação de cidadãos.

O desenvolvimento das habilidades sociais no contexto escolar pode ser um caminho seguro a ser percorrido por estudantes, professores e pais, de modo que todos possam estabelecer atitudes positivas em seus relacionamentos a fim de evitar as potenciais situações de *Bullying* que possam ocorrer nesses locais. A figura do orientador educacional faz-se importante uma vez que ele pode ser o mediador e facilitador na promoção de momentos na escola que propiciem essa reflexão.

Assim, novos trabalhos utilizando métodos e instrumentos próprios para verificar situações de *Bullying*, também entre professores e alunos, bem como os atos de violência, que ocorrem devido ao uso das novas tecnologias (fenômeno conhecido por *cyberbullying*), tornam-se necessários, para que se combata, o mais cedo

possível, eventuais danos psicológicos e/ou sociais aos estudantes de São Luís.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA, Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência. *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. 2006. Captura na Internet em 25 mai 2011. Disponível em <http://www.bullying.com.br>.

ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão da literatura. *Rev. Pediatr*, 9 (1), 2008: 8-16.

BRASIL, República Federativa do Brasil. *Estatuto da Criança e do Adolescente* (1988). Captura na Internet em 25 mai 2011. Disponível em <http://www.unicef.org>.

CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G. Bullying – a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4, 2001: 523-537.

FREIRE, I. P.; VEIGA-SIMÃO, A. M.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19 (2), 2006: 157-183.

GONÇALVES, H. S. *Infância e violência no Brasil*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003. 310 p.

LOPES-NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 2005: 164-172.

MINAYO, M. C. S. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cad.*

Saúde Pública, 10 (Supl. 1), 1994: 07-18.

ONU, Organização das Nações Unidas. *Convenção sobre os Direitos da Criança* (1989). Captura na Internet em 25 maio 2011. Disponível em <http://unicrio.org.br/img/Convencao.pdf>

ONU, Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (2005). Captura na Internet em 25 mai 2011. Disponível em http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf.

SILVA, A. B. B. *Bullying*: cartilha 2010 – justiça nas escolas. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2010. 16 p.

TOGNETTA, L. R. P; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. *Educação, Santa Maria*, 35 (3), 2010: 449-464.

TORO, G. V. R.; NEVES, A. S.; REZENDE, P. C. M. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: teoria e prática*, 12 (1), 2010: 123-137.

WILLIAMS, L. C. A; PEREIRA, A. C. S. A associação entre violência doméstica e a violência escolar: uma análise preliminar. *Educação: teoria e prática*, 18 (30), 2008: 25-35.